



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 5 • nº 10 • 13 a 19/04/08 • ISSN1809-6182

Resenhas

14/04/2008 - Crise no Zimbábue..... p.01

Zimbábue passa por uma crise política devido, principalmente, à discordância quanto ao resultado das eleições que ocorreram no dia 29 de março de 2008.

21/04/2008 - Encontros do Mar Negro: diálogos e acordos em Bucareste e Sochip.04

Dois encontros no início do mês de abril de 2008, a Cúpula da OTAN, realizada em Bucareste, Romênia, e um diálogo entre os presidentes estadunidense e russo em Sochi, discutiram temas centrais como a questão da expansão da OTAN e a defesa antimísseis estadunidense a ser instalada na Polônia e República Tcheca.

Crise no Zimbábue

Resenha
Segurança
Marina Robspierre
14 de abril de 2008

Zimbábue passa por uma crise política devido, principalmente, à discordância quanto ao resultado das eleições que ocorreram no dia 29 de março de 2008.

No dia 29 de março de 2008, eleições presidenciais foram convocadas no Zimbábue. A disputa política entre o Movimento para Mudança Democrática (MDC, sigla em inglês) e o partido político do governo, União Africana do Zimbábue-Frente Patriótica (Zanu-PF, sigla em inglês) acarretou, no país, várias discussões e acusações de corrupção do governo.

O Zimbábue é um país que vem enfrentando diversos problemas desde sua colonização. No século XVI, a região foi palco de tráfico de drogas de escravos portugueses, mas a exploração britânica tomou frente e não permitiu que Portugal colonizasse o país.

Em 1980, eleições foram realizadas e logo após o Zimbábue se declarou livre da colonização britânica. A vitória para presidente de Robert Mugabe colocou o partido Zanu-PF no parlamento.

Já no ano de 1987 começam as reações da população e da oposição devido à uma mudança na constituição feita pelo Presidente. Com o objetivo de dar mais espaço representativo aos negros, a emenda eliminou vagas reservadas aos brancos no Parlamento. Tais mudanças fizeram com que Robert Mugabe acumulasse ainda mais poder na política do Zimbábue passando a representar tanto o cargo de presidente, quanto o de primeiro-ministro.

O histórico político autoritário de Mugabe

vem, desde a independência, fazendo com que cada vez mais haja desaprovação popular no Zimbábue com relação a seus mandatos que são caracterizados principalmente por preconceito racial.

Além disso, o presidente busca sempre apagar os vestígios de um país que foi colonizado pelo Reino Unido da Grã-Bretanha. Isso porque tropas britânicas dizimaram tribos nativas e exploraram o minério do território do Zimbábue.

O partido de Mugabe, Zanu-PF, tem sido acusado frequentemente de fraude e corrupção desde sua entrada na representação do governo zimbabuano. Em 2000, venceu eleições parlamentares de numa disputa contra o rival MDC. No ano seguinte, duras leis sobre segurança, mídia e regras eleitorais foram estabelecidas na busca de um maior controle da população por parte do governo de Mugabe.

Já em 2002, a acusação da população ao presidente foi por uma questão racial. O Presidente Robert Mugabe desapropriou todos os fazendeiros brancos, para que as fazendas fossem realocadas entre zimbabuanos negros. Para o presidente o *apartheid*¹ ainda não terminou e afirma que os brancos não devem ter privilégios, não podendo votar, nem participar da vida

¹ Desenvolvido na África do Sul, no século XVII, o Apartheid é uma segregação racial na qual várias restrições eram feitas aos negros para que a pureza da raça branca fosse conservada.

social no Zimbábue. Segundo o presidente, a África é dos negros.

Além de questões políticas, a economia também é um fator agravante na crise que se instalou no Zimbábue nos últimos meses. A população teme a inflação, que, atualmente, no país já ultrapassa 1.000% ao ano. Esses temores surgiram devido ao plano econômico exigido pelo FMI em 1991, que visava privatização de setores estatais, liberalização dos preços e estímulo ao investimento estrangeiro.

A desvalorização da moeda frente às moedas fortes como o dólar estadunidense faz com que a economia interna se enfraqueça e, cada vez menos capital externo busque investir no Zimbábue.

A corrupção em eleições que também ocorreu no pleito parlamentar em 2005, fez com que dois terços das cadeiras fossem conquistadas por membros do MDC. Na sequência, o partido do governo acusa tal vitória como fraudulenta. A apuração de eleições vem sendo uma questão de grande discussão e acusação ao longo da história do Zimbábue.

a situação política do Zimbábue vem sendo notícia e incomoda outros países há algum tempo. O presidente estadunidense, George W. Bush no ano de 2005 classificou o país de Mugabe como um dos seis exemplos de tirania no mundo.

Em função das constantes crises política e econômica no país, ocorre intensa emigração para a África do Sul que recebe zimbabuanos desempregados chegando ao número de um milhão vivendo em território sul-africano. Tal mudança no padrão demográfico dos dois países envolvidos gera uma intensificação ainda maior na situação econômica do Zimbábue, pois a diminuição da população ativa do país, faz com que a produção também caia.

A Eleição

No dia 29 de março de 2008, foram realizadas eleições no Zimbábue para

definir, entre MDC e o partido político Zanu-PF qual seria o próximo presidente do país.

Depois da demora na verificação dos votos pela comissão nomeada por Mugabe, fez com que a oposição do partido governista denunciasse que este adiamento seria apenas uma estratégia para facilitar a permanência de Mugabe no poder.

Além da demora na contagem dos votos, após ter sido divulgado o resultado do pleito, Mugabe exigiu que fosse feita a recontagem dos mesmos. Todavia, segundo o secretário-geral do MDC, Tendai Biti, o partido governista não tinha direito de requerer a recontagem dos votos, pois tal pedido só poderia ser colocado em prática em até 48 horas depois do início da contagem, no entanto, o governo só o fez mais de 10 dias depois das eleições.

Uma carta do Zanu-PF, de acordo com o jornal *Sunday Mail*, diz que “as autoridades dos distritos eleitorais cometeram erros de cálculo tão evidentes para prejudicar não apenas nosso candidato como também seus concorrentes.”.

O MDC rejeitou a apuração de votos em 23 zonas eleitorais. O porta-voz do Movimento, Nelson Chamisa, disse que eles não aceitariam nenhuma apuração “porque seria como aceitar resultados fraudulentos. Tiveram (a comissão eleitoral) em seu poder as urnas durante duas semanas e podem ter colocado seus votos.”.

Mugabe afirma que é preciso que haja um segundo turno pois, segundo ele, nenhum candidato alcançou mais de 50% dos votos do total de eleitores.

No entanto, o líder do MDC, Morgan Tsvangirai, afirma que venceu as eleições do país por 50,3 % dos votos enquanto seu adversário, Mugabe havia obtido 43,8%

do total de eleitores². Tal porcentagem torna desnecessária a convocação de um segundo turno, ponto que é reivindicado pelo partido governista.

Líderes de 14 países que compõem a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), mediada pelo Presidente sul-africano, Thabo Mbeki, buscam esclarecer o impasse causado pela eleição que ocorreu no final de março.

Entretanto, de acordo com analistas de Zâmbia, país localizado ao sudeste da África, o SADC não chegará à conclusão alguma e não será suficiente para pressionar o presidente Robert Mugabe a mudar sua postura diante da política do Zimbábue.

No Tribunal de Harare, localizado na cidade de Harare que fica a nordeste do Zimbábue, serão apuradas todas as reclamações do MDC, Zanu-PF e da comissão eleitoral para ter uma posição de qual teria sido realmente o resultado das eleições.

Em meio a crise, o Zimbábue passa por dificuldades políticas, além das econômicas. Corrupção e acusações de erros na apuração de votos demonstram o quanto o país tem sido instável e o quão grande é a necessidade de uma reforma no sistema de votação. Esta reforma se destina a diminuir a margem de erros, assim como a reestruturação das cadeiras no parlamento e na presidência ou até mesmo punições mais severas para aqueles que forem contra as leis de acordo geral.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Estadão

<http://www.estadao.com.br>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

International Crisis Group

<http://www.crisisgroup.org>

Ver Também:

21-09-2006: [A crise no Zimbábue: o fracasso da reforma agrária e a aproximação com a China.](#)

² De uma população de 13,3 milhões de habitantes, 5,9 milhões, o que corresponde a 44% do total, votam.

Encontros do Mar Negro: diálogos e acordos em Bucareste e Sochi

Resenha
Segurança

Diego Cristóvão Alves de Souza Paes
21 de abril de 2008

Dois encontros no início do mês de abril de 2008, a Cúpula da OTAN, realizada em Bucareste, Romênia, e um diálogo entre os presidentes estadunidense e russo em Sochi, discutiram temas centrais como a questão da expansão da OTAN e a defesa antimísseis estadunidense a ser instalada na Polônia e República Tcheca.

A expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹ em direção ao Leste Europeu, bem como a questão da defesa antimísseis que o governo estadunidense pretende instalar no território polonês e tcheco têm sido dois assuntos recorrentes na agenda de segurança européia. Entre os dias 2 e 4 de abril de 2008, estes e outros temas concernentes à OTAN foram discutidos na Cúpula de Bucareste, em um encontro que ocorre a cada dois anos entre chefes de estado e de governo de países membros, assim como de países convidados.

Da mesma forma, nos dias 5 e 6 de abril, os presidentes dos Estados Unidos, George W. Bush e da Rússia, Vladimir Putin, realizaram um encontro em Sochi, Rússia, na costa do Mar Negro, com objetivo de equacionar suas políticas nestas e em outras questões, assim como discutir o relacionamento entre seus países.

Cúpula de Bucareste

O final da Guerra Fria fez com que a OTAN passasse por uma série de reestruturações. Originalmente, a instituição foi criada com o objetivo de

aumentar a segurança coletiva na região, se contrapondo ao Pacto de Varsóvia². Durante os anos da Guerra Fria a OTAN e o Pacto de Varsóvia ilustravam a distinção entre o bloco ocidental e o soviético. O continente europeu era a linha intermediária e, portanto, maior foco das atenções de ambas as organizações. Com o fim das tensões entre Leste e Oeste, este propósito se perde, levando a diversas modificações durante os anos 1990.

As mudanças internas se iniciaram na Cúpula de Roma, em 1991, com a adoção de um novo Conceito Estratégico da Aliança³. Essa reestruturação tinha como objetivo a manutenção da segurança dentro do continente europeu, partindo, contudo, não de uma política de defesa contra um inimigo em comum, mas da

² O Pacto de Varsóvia, assinado em 1955 entre a União Soviética, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, Albânia, Hungria, República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) e Bulgária, foi uma aliança militar criada em resposta ao Tratado do Atlântico Norte (e nos mesmos moldes desta) como forma de aumentar a segurança entre os países do bloco soviético.

³ Na Cúpula de Washington, em 1999, um documento semelhante foi produzido, com diferenças sutis, porém o mesmo objetivo final. Portanto, dois novos conceitos estratégicos foram adotados pela organização durante os anos 1990: um logo após o fim da Guerra Fria (durante a Cúpula de Roma) e outro ao final da década (durante a Cúpula de Washington).

¹ Ver Glossário.

busca da paz através da cooperação na área da segurança dentro do continente.

Dessa forma, a OTAN modificou seu contingente para missões de paz e gestão de crise, o que levou a organização a exercer papéis fundamentais nos conflitos nas regiões dos Bálcãs⁴, e, posteriormente, atuando no Afeganistão a partir de dezembro de 2001.

Dentro dessa nova configuração, a OTAN iniciou também o processo de inclusão de novos membros, antes pertencentes ao bloco soviético. Tal iniciativa tinha como objetivo preencher o “vácuo” de poder deixado pelo fim da União Soviética em sua área de influência⁵, de forma a reduzir a instabilidade na região.

Em 1999 e em 2004 foram feitas duas grandes expansões rumo a leste, com a entrada da Polônia, República Tcheca, Hungria, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia, aumentando em 62,5% o número de países membros.

A expansão da organização também foi um dos objetivos da Cúpula de Bucareste, na qual mais dois países foram formalmente convidados: a Albânia e Croácia, que devem atingir o *status* de membros até 2009. O convite que seria realizado à Macedônia foi vetado⁶ pela Grécia⁷.

A OTAN também tem realizado diálogos com a Geórgia, Ucrânia, Bósnia e Montenegro, o que apresenta grande resistência por parte dos russos principalmente no caso das duas primeiras.

A Geórgia enfrenta o problema da Ossétia

do Sul⁸, que passa por um movimento separatista apoiado pela Rússia. Parte da população da Ossétia do Sul possui passaportes russos, além de terem ajudado a eleger o novo presidente russo, Dmitry Medvedev, demonstrando a vontade da Rússia em integrar a região ao país.

A situação se intensificou após a declaração de independência do Kosovo que, segundo líderes políticos da região, abriu precedentes para a emancipação da Ossétia do Sul. Entretanto, a independência do Kosovo foi bem aceita pelos membros da OTAN, sendo que muitos já reconheceram o país. No caso da Ossétia, o governo estadunidense já declarou que não irá apoiar de forma alguma a independência. A Rússia segue a via oposta, condenando o reconhecimento da independência do Kosovo por parte dos EUA e demais membros da OTAN, ao mesmo tempo em que apóia o movimento separatista na Ossétia do Sul.

Desde a década de 1990, a Comissão OTAN-Ucrânia trabalha na cooperação em assuntos de segurança regional, como crises nos Bálcãs, não proliferação de armas de destruição em massa, entre outros. A entrada da Ucrânia na organização parece um passo lógico no aumento da cooperação. Tal fato também permitiria a OTAN um maior acesso ao Mar Negro e representaria uma perda para a Rússia: existe em território ucraniano a base naval russa de Sevastopol, que ficaria comprometida com a entrada do país na organização.

Embora a Rússia já tenha afirmado em várias ocasiões que os países ex-membros do bloco soviético possuem direito de realizar suas alianças com total liberdade, fica claro que a entrada da Ucrânia e Geórgia infringiria diretamente sobre os

⁴ Guerra da Bósnia e intervenção no Kosovo

⁵ Ver Também: [OTAN: evolução histórica](#)

⁶ Na OTAN as decisões são tomadas por consenso, portanto, a rigor, todos os membros têm poder de veto.

⁷ A Grécia tem uma disputa política com a Macedônia acerca do nome desta última.

⁸ A Ossétia do Sul é uma pequena região dentro da Geórgia, separada da Ossétia do Norte, que fica em território russo.

interesses do país. As demonstrações de insatisfação por parte do governo russo têm obtido resposta junto à OTAN, pois as novas parcerias que vêm sendo realizadas entre a organização e a Rússia são de grande importância para ambos.

A não extensão do convite feito à Albânia e Croácia para Geórgia e Ucrânia é uma demonstração disso. Podemos constatar isso pela declaração do Ministro das Relações Exteriores alemão, Frank-Walter Steinmeier, que afirmou não existirem motivos para agravar o relacionamento entre a OTAN e a Rússia, já abaladas pelo reconhecimento unilateral da independência kosovar. Desta forma, abrir espaço para a entrada da Ucrânia e Geórgia ainda esse ano levaria a uma deterioração desnecessária nas relações com a Rússia.

A administração Bush sofreu uma derrota política, pois desejava que o encontro em Bucareste selasse a entrada dos dois países na organização. Entretanto, mesmo com a insatisfação demonstrada pelo governo russo, a OTAN já afirmou oficialmente que deseja, em um futuro próximo, os dois países como membros e acredita que medidas efetivas⁹ para tal devam ser adotadas até 2009.

Contudo, o governo estadunidense obteve duas grandes vitórias políticas na ocasião: o apoio da organização à instalação do sistema antimísseis na Polônia e na República Tcheca, e o anúncio por parte da França do envio de tropas para o Afeganistão.

O governo francês concordou em enviar um batalhão com no mínimo 700 soldados para o leste do Afeganistão, o que liberaria as tropas que estão atualmente no país a concentrar sua atuação no sul do país. Essa medida por parte da França reflete o

desejo do país de retornar ao comando militar integrado da OTAN. O país havia se retirado em 1966 ao adotar um sistema de defesa independente¹⁰.

Já o sistema antimísseis consiste de um radar para detecção de mísseis balísticos¹¹ a ser instalado na República Tcheca, e 10 interceptores de mísseis a serem instalados na Polônia, sendo que ambos já concordaram com a parceria. Segundo os EUA, esta defesa estaria direcionada contra potenciais inimigos, como o Irã.

O governo russo é completamente contrário a uma defesa instalada unilateralmente pelos EUA, pois acredita que essa possa ser utilizada contra seu país.

A discussão do sistema antimísseis já veio a tona em diversas oportunidades e encontros entre Vladimir Putin e George Bush, com algumas contrapropostas por ambas as partes. Em 2007, a Rússia se prontificou a hospedar o sistema antimísseis no Azerbaijão, o que segundo o governo russo seria uma demonstração de confiança da parte estadunidense. Entretanto, tal proposta não recebeu um retorno satisfatório.

No encontro em Bucareste, a OTAN acordou em apoiar o sistema antimísseis estadunidense. Em um gesto de boa vontade, a organização acenou com a possibilidade de estender o escudo antimísseis a Rússia, através de um sistema de defesa próprio da organização. Não houve até o momento maiores repercussões acerca da proposta.

Após o encontro em Bucareste, Bush e Putin, em sua última participação da Cúpula da OTAN como presidentes de

⁹ Como por exemplo a adoção por parte da Ucrânia e Geórgia do *Membership Plan of Action*, considerado o primeiro passo para a entrada na organização.

¹⁰ O então presidente do país, General Charles De Gaulle, acreditava que a França deveria resguardar sua independência em termos de segurança.

¹¹ Mísseis que, ao serem lançados, atingem a região sub-orbital terrestre, de forma a aumentar seu alcance, antes de retornar em direção a seu alvo.

seus países¹², seguiram para Sochi, Rússia, no litoral do Mar Negro, onde realizaram discussões bilaterais.

Encontro em Sochi

O último encontro de George Bush e Vladimir Putin como Chefes de seus respectivos Estados teve como objetivo principal a discussão acerca do sistema antimísseis estadunidense. Embalados pela discussão em Bucareste, os dois líderes tentaram alcançar um meio termo na questão, o que não foi atingido. Putin seguiu para Sochi insatisfeito com o apoio da OTAN ao sistema de defesa, o que pode ter levado a uma postura de resistência maior nas negociações.

Ainda existe muita divergência entre as partes, pouca disposição para ceder espaços, além de desconfiança mútua que ainda persiste como um resquício da Guerra Fria. Com as mudanças no governo dos países, caberá às novas lideranças retomar as negociações na questão.

Outro assunto levado à pauta por George W. Bush foi acerca da entrada da Geórgia e Ucrânia na OTAN. No início do ano, Moscou chegou a afirmar que, caso a Ucrânia adentrasse a organização e aceitasse forças e contingentes ocidentais dentro de seu país, a Rússia iria apontar suas defesas contra a ex-república Soviética. O presidente estadunidense procurou então, assegurar que o seu interesse na entrada dos dois países não teria como objetivo confrontar a Rússia, mas sim aumentar a cooperação entre os países da região, buscando maior estabilidade e segurança.

George W. Bush também aproveitou a ocasião para conhecer o novo presidente russo, Dmitry Medvedev, que deverá

assumir em maio de 2008. Bush afirmou que ficou impressionado com Medvedev, a quem deverá encontrar oficialmente como presidente do país ao menos uma vez, na reunião do G-8 que ocorrerá em julho no Japão.

Ao final do encontro, Bush e Putin elaboraram um documento conjunto, *U.S.-Russia Strategic Framework Declaration*¹³, que se propõe a funcionar como um mapa para o relacionamento e para as ações conjuntas entre os dois países.

Através deste, Rússia e Estados Unidos se comprometem com a continuidade da cooperação que vem crescendo após a Guerra Fria. Da mesma forma, foi ressaltada a importância do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, da adoção de medidas eficazes na prevenção do tráfico internacional de armas, além de ser reforçado seu compromisso para garantir o uso pacífico de tecnologias nucleares no sistema internacional.

A questão nuclear da República Islâmica do Irã também foi tratada no documento, no qual foi ressaltada a importância da venda de combustíveis nucleares da Rússia para o país, evitando que este realize o enriquecimento de urânio. Isso garantiria, então, o uso pacífico de tecnologias nucleares dentro da república islâmica.

Também fez parte do documento uma breve declaração acerca do sistema de defesa antimísseis estadunidense; foram esclarecidas as discordâncias por parte da Rússia na implementação do sistema de defesa em território polonês e tcheco, e ficou acordado que tal sistema deveria ser estabelecido com Estados Unidos e Rússia atuando como parceiros iguais. Além disso, os dois países se comprometeram a intensificar o diálogo, tanto bilateralmente quanto multilateralmente, após o encontro em Sochi.

¹² As eleições presidenciais estadunidenses ocorrerão em novembro de 2008, e as eleições na Rússia foram realizadas em março de 2008, com a vitória de Dmitry Medvedev.

¹³ Declaração de Estrutura Estratégica entre EUA e Rússia.

Durante grande parte do ano de 2007, os EUA haviam ignorado a opinião russa acerca do escudo antimísseis. Entretanto, nos últimos seis meses, o governo estadunidense modificou sua postura atribuindo à Rússia um papel mais central no assunto, algo demonstrado pelo encontro em Sochi e pelo documento assinado entre as partes.

Após as dificuldades enfrentadas nos anos 1990, a Rússia inicia sua recuperação econômica e seu restabelecimento como grande potência internacional. Sua participação junto à Cúpula de Bucareste, e a forma como os membros da OTAN se preocuparam em garantir o bom relacionamento com o país demonstram sua importância na obtenção da estabilidade regional. Sua influência no Leste Europeu ainda é inegável e a organização sabe que não irá longe caso permaneça se contrariando com o país.

Contudo, a meta da OTAN de expandir a organização ainda permanece, e é bem provável que a organização, em breve, venha a colidir frontalmente com a Rússia conforme Ucrânia e Geórgia se aproximem de aceitar o *Membership Plan of Action*¹⁴.

Organização do Tratado do Atlântico Norte

<http://www.nato.int/>

CNN On-line

<http://www.cnn.com>

Fordham University

<http://www.fordham.edu/>

Radio Free Europe

<http://www.rferl.org/>

Ver também:

05/03/2008 - [A Rússia escolhe seu novo presidente](#)

23/03/2007 - [Ucrânia e Geórgia se aproximam da OTAN](#)

25/05/2007 - [A crise entre Estados Unidos e Rússia em torno do sistema de defesa antimísseis estadunidense](#)

08/05/2006 - [OTAN: evolução histórica](#)

Referência

Sites:

BBC

<http://www.bbc.co.uk>

Foreign Policy

<http://www.foreignpolicy.com>

Freedom of Information Act - Central Intelligence Agency

<http://www.foia.cia.gov/>

¹⁴ Lançado em 1999 como forma de ajudar os futuros membros da OTAN na adequação e preparação de suas forças para fazer parte da organização.

Conjuntura**Internacional**

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profª. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profª. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Ana Caroline Maia; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Eduardo Côrtes; Franceline Fukuda; Joana Laura Nogueira; Larissa Martins; Luísa Lima; Marina Robspierre.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas – Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>